Sob o Signo do Progresso

Simon Schwartzman

Publicado em O Estado de São Paulo, 10 de agosto de 1979, página 2.

Para a geração nascida ao redor da II Guerra Mundial e que ora entra na casa dos 40 anos, a vida no Brasil tem sido presidida pelo signo do progresso. Nestes anos, a renda nacional não parou de subir, a sociedade de consumo se expandiu sem parar, as novas tecnologias e os novos padrões de comportamento substituíram pouco a pouco os antigos, e a vida urbana, com as luzes do progresso, predominou cada vez mais sobre a do campo.

É claro que nem todos se beneficiaram deste progresso. As grandes transformações da sociedade brasileira deixaram pelo caminho um sem-numero de perdedores. Incontáveis são os que buscaram o progresso das cidades para encontrar somente a marginalidade, a exploração e a impossibilidade de percorrer o caminho de volta. A expansão do sistema educacional acenou para muitos a miragem de um título universitário, um emprego garantido ou uma profissão liberal bem remunerada, mas esta era uma quimera que se tornava tanto mais inacessível quanto o próprio sistema educacional crescia. Para muitos a vida política parecia prometer a solução pronta para a alienação e a falta de oportunidades, uma via que se tornou fechada e muitas vezes suicida após 1964. Para os marginais dos centros urbanos, os *dropouts* de nossas escolas, os frustrados e marginalizados pelo jogo político, o signo do progresso foi, principalmente, um signo de tragédia.

É importante assinalar, no entanto, que o fato de o progresso ter deixado tantos à sua margem não significa que ele não tenha sido, de fato, o signo destas décadas. A existência de tantos perdedores significa que todos eles aceitaram participar do jogo, concordaram com seus objetivos mais gerais, e por isto mesmo terminaram ficando em uma situação particularmente trágica, sem um ponto de referencia mais claro de onde entender o que realmente lhes passou. Ainda que sob formas distintas, o signo do progresso percorre de alto a baixo da sociedade, da direita à esquerda do espectro ideológico, e tem sido, na realidade, um grande fator de unidade de linguagem entre setores por outra parte tão opostos de nossa sociedade.

Não se trata, evidentemente, de um fenômeno meramente brasileiro, mas que abrange toda nossa civilização ocidental. Ainda que subsistam no mundo de hoje alguns poucos tradicionalistas que enxergam na volta a uma suposta ordem e harmonia do mundo medieval o único caminho possível de redenção, é no futuro de maior abundância e bem-estar que todos colocam suas esperanças. Isto vale tanto para as ideologias capitalistas, com sua fé no progresso

do indivíduo e na redenção de todos pela soma do sucesso de cada um, quanto para as ideologias socialistas, com sua crença na possibilidade de uma racionalização contínua da vida social no sentido do melhor uso da tecnologia e de maior igualdade social. Isto vale, também, para as ideologias nacionalistas de nosso século, que transferem para o nível coletivo os ideais de progresso dos indivíduos. A busca do progresso de coletividades - nações, grupos étnicos e raciais, e até mesmo religiosos - é, na realidade, uma das evidências mais claras da força do signo do progresso por cima dos conflitos ideológicos. A historia política européia deste século mostra a luta inglória dos setores socialistas mais esclarecidos para resistir à avalanche do nacionalismo, que terminou por esfacelar, na prática, o internacionalismo proletário que pretendiam. A II Guerra Mundial pareceu marcar, de forma definitiva, a oposição entre os ideais nacionalistas e os ideais socialistas. Mas, trinta anos depois, a memória da guerra só persiste entre os que a sofreram, e os movimentos nacionalistas se apropriaram e traduziram, para seu próprio uso, muito da linguagem de conflito das classes e emancipação social que foi, no passado, a do socialismo. O nacionalismo moderno, aliás, é a principal via pela qual os ideais ocidentais de progresso tem sido levados para os países da África e Ásia, onde nem as versões individualistas nem as versões socialistas de desenvolvimento centrado nas pessoas encontram maior tradição.

A necessidade de repensar de maneira critica este signo que paira sobre nossas cabeças decorre de que, de agora por diante, tudo indica que o progresso será cada vez mais exclusivo e que o número de perdedores tenderá a aumentar. A crise do petróleo, infelizmente. não é uma simples crise passageira, um mero efeito de maquinações demoníacas dos sheiks da OPEP ou das Sete Irmãs, mas uma indicação concreta do fato de que a era de energia barata, abundante e crescente está no fim. Por mais que se possa desejar o contrário, não existe maneira de continuar a aumentar o uso de energia em todo o mundo, seja de que forma for, por muito mais tempo. Os especialistas são unânimes em concordar que os níveis de consumo energético obtidos pelos Estados Unidos e demais países avançados não poderão jamais ser difundidos e adotados pelos países ora subdesenvolvidos. Por mais que acreditemos no poder redentor da tecnologia, o fato é que nem álcool, nem a energia nuclear, nem a energia solar, nem a promessa da fusão podem mais do que oferecer paliativos limitados no horizonte de tempo dos próximos 30 ou 40 anos. E a energia é tão-somente o aspecto mais óbvio do problema mais geral dos limites ao progresso continuo e ao crescimento ilimitado que parece ter marcado, tanto para ganhadores como para perdedores, a história das últimas décadas.

Abandonar este signo e reverter as expectativas não é tarefa fácil. Quando os recursos escasseiam, mas as aspirações se mantêm elevadas, os conflitos sociais tendem a aumentar de intensidade e virulência, em confrontações onde, freqüentemente, todas as facções terminam perdendo. O nacionalismo, em suas diversas formas, é sempre uma tentação, ao transferir para o

estrangeiro a culpa das dificuldades e fazer cessar a disputa por objetivos distintos em nome de superiores interesses nacionais. Abandonar o signo do progresso não pode significar abandonar os ideais de felicidade, bem-estar e liberdade individuais. Isto, no entanto, deve ser conseguido com menos recursos, com padrões de consumo radicalmente revistos e com conceitos totalmente novos e distintos dos de agora, nascidos e criados sob este signo. Mas talvez seja mais factível para a geração que agora nasceu, que já surge para um mundo em crise e que terá seus vinte anos no ano dois mil.